

O ARTISTA E A GÊNESE DO BOM E DO MAU EM FRIEDRICH NIETZSCHE

The artist and the genesis of good and evil in Friedrich Nietzsche

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares

Resumo: O referido artigo visa assinalar como a formação dos valores morais em Friedrich Nietzsche é impulsionada pela vontade de poder em sua expressão artística. De acordo com esse filósofo, partindo de suas análises da moral individual, a consolidação dos valores das “sociedades escravas” fomentará o estilo de vida simplório, dotado de uma vontade de poder fraca, enquanto as “sociedades nobres” apresentam condições para uma vida autêntica que assume a vontade de poder em sua forma mais originária. A aceitação ou a tentativa de negação da vontade de poder determinará o papel que se assume neste cenário hermenêutico, pois essa vontade se revela como um potencial criativo determinante para a nossa forma de viver. Diante do campo de batalha constituído por diversas formas de valorar, está o homem concebido aqui como um artista, um legítimo artesão de seus próprios valores. A partir da aproximação entre as assertivas encontradas na *Genealogia da Moral* e em *Além do bem e do mal*, não almejamos definir esse artista aparentado ao Além-Homem, mas nos arriscamos ao delinear sua relação com a vivência moral.

Palavras-chave: Moral. Artista. Transvaloração. Vontade de Poder.

Abstract: The article intends to point out how the formation of moral values in Friedrich Nietzsche is driven by the power to will in its artistic expression. According to this philosopher, starting from his analysis of individual morality, the consolidation of the values of “slave societies” will foster the foolish lifestyle, endowed with a will to power weak, while the “noble societies” present conditions for an authentic life that assumes the will to power in its most original form. The acceptance or attempted denial of the will to power determines the role that is assumed in this hermeneutical scenario, because this will reveals itself as a creative potential determinant for the way we live. On the battlefield formed by various forms assigning valuing, is the man conceived here as an artist, a legitimate artisan of his own values. From the approximation of the assertions found in *On the genealogy of morality* and in *Beyond good and evil*, we do not want to define this artist close of the Beyond-Human, but we take the risk of delineate their relationship with moral experience.

Keywords: Moral. Artist. Transvaluation. Will to Power.

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares

Mestre em filosofia (PPGF-UFPB), integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Hermenêutica e Religião (CNPq), é Professor substituto do IFPB-CG e se dedica ao estudo de temas específicos de fenomenologia husserliana e filosofia da cultura.

E-mail: isotavares@outlook.com

1 O CAMPO DE BATALHA DOS VALORES

O melhor que existe pertence-nos, a mim e aos meus, e
se não no-lo derem, tomamo-lo: o melhor alimento, o
céu mais puro, os pensamentos mais fortes, as mulheres
mais formosas!

Assim falou Zaratustra

Ao encarmos o mundo como o jorrar incessante de vontade de poder fadado ao eterno retorno, a transvaloração dos valores torna-se um imperativo que, em todas as eras, dita a liberdade dos povos. Nesse plano, a humanidade está perpetuamente imersa nos exercícios de valoração, re-valorização e transvaloração. O devir¹, por sua natureza, comanda a marcha da moralidade de todas as nações e culturas. Por mais que um conjunto de valores torne-se vigente por séculos, após este período, ele encontra-se condenado à extinção resultante de uma outra forma de valoração que ascende.

A luta pela hegemonia de um modo de valoração é animada pela vontade de poder que é, por sua vez, o princípio a partir do qual o homem cria valor. Vida, em seus mais diversos aspectos, da forma mais autêntica de ser ao modo de viver mais medíocre, é sinônimo de vontade de poder. Seja uma realização de índole nobre ou escrava, a vontade de poder dá-se em sua plenitude no desejo de realizar-se. Nesse jogo, o simples, o ruim, segue o ritmo do ordinário, do já estabelecido. O bom, o forte, dita pela força o que se estabelece. Ambos precisam ser a partir do que eles podem ser. E, como é de sua natureza, a vida vem a ser a partir das condições mais adversas, porém sempre a partir da vontade de poder que move tanto o que manda quanto o que obedece. É a vontade de poder que promove as lutas pela autoafirmação do asceta, do mártir e de qualquer tipo de vida.

Para a investigação que segue os sentidos só não bastam. O embate entre as formas de valoração não pode ser percebido pelas sensações que nos apresentam uma realidade já dada. Com o auxílio de dados empíricos, nós não poderíamos encarar o mundo como o enigma que ele o é. O *Eu* que, pretensiosamente, pensa e, por sua vez, investiga a genealogia das morais, em Nietzsche, pode ser enfrentado como um preconceito da linguagem constituído pelo pensar que se arvora em reduzir um pensamento ao pensador, do mesmo modo que reduz a tristeza ao homem triste e um escrito ao escritor. Esse pensamento afobado e simplista não percebe que o *Eu* do escritor não é o único autor de uma obra em sua plena consciência, ele é desde a abertura de escrever que o torna escritor. O que chamamos de si mesmo é apenas uma vontade de... Um interesse irmanado a uma perspectiva de ser. Livres deste invólucro que nos atrasa e nos delimita, despidos desta carapaça inútil que chamamos de *Eu*, seguimos em frente livres de um dos pesos que atravanca uma besta temível².

O homem, ao escolher não se apoiar na superficialidade do *Eu*, reconhece na abertura que se dá na escuta de si mesmo³ toda sua potencialidade. Para ser ele mesmo, o homem precisa escutar. De antemão, afirmamos que o estudo crítico e genealógico da moral exige a escuta e o reconhecimento de que a afirmação: “Aquiles está chorando”. Está tomada por uma perspectiva egóica moderna. Dizer antes: “Aquiles foi tomado pelo choro⁴”. Torna-se imprescindível para uma análise da história da moral, em que a perspectiva homérica nos dá condições de tratar deste assunto em seu aspecto devido. Admitir a possibilidade de ser tomado pelo choro é admitir a intervenção da *physis*⁵, o eterno brotar que revela e oculta as tramas da moral. A gênese da moralidade, a partir da investigação histórica e filológica, demanda o exame também da *psiche*. Por isso, todo o esforço dessa investigação, implicitamente, visa responder às perguntas: Qual é o valor dos valores? Em outras palavras, que fatores psicológicos (desde que a psicologia aqui seja compreendida como morfologia e doutrina da vontade de poder) animam essas formas de valorar?

2 A PELEJA ENTRE NOBRES E ESCRAVOS

Os valores morais surgem com a concretização de uma moralidade que é sempre impulsionada e perpassada pela vontade de poder. As morais, por sua vez, assumem as mais diversas formas de acordo com seus autores, porém, em meio a esta miríade de critérios para os mais variados julgamentos, Nietzsche, em sua análise, identifica dois tipos de morais que fundamentalmente se repetem:

Na minha peregrinação através das morais mais refinadas e mais grosseiras que reinaram e ainda reinam. Constatei a repetição e a conexão de certos traços característicos, de modo que estou prestes a descobrir dois tipos fundamentais e uma diferença também fundamental. Há a moral dos *senhores* e a moral dos *escravos*, concluir-se-á rapidamente que nas culturas mais elevadas e cruzadas se encontram tentativas de conciliação entre as duas morais, mais frequentemente ainda uma confusão das mesmas, fruto de mal entendidos recíprocos e talvez a coexistência de uma ao lado da outra — isso é encontrado em indivíduos, numa só alma (NIETZSCHE, 2001, p. 196).

A moral do nobre e a moral do escravo, a moral da ave de rapina e a moral do cordeiro, são tipos de morais que surgem, ao longo da história, em posições antagônicas. A moral nobre, primeiramente, destaca-se por sua afirmação da vida enquanto superação; o nobre atrai encargos, tarefas e não teme excesso de trabalho, ele tem o desejo de conquistar e de superar-se na vida. Para esse apelo moral não basta subsistir. Os nobres só se contentam com o melhor e, por isso, são os *aristoi*, pois “a casta aristocrática sempre foi nos primórdios a mais bárbara; a sua preponderância é procurar não a força física, mas a da alma — eram os homens mais completos (aqui-

lo que quer significar também ‘as bestas mais completas’”) (NIETZSCHE, 2001, p.193-194). Para os nobres gregos, suas divindades representavam a *physis*, dentre eles o paraíso era o próprio existir, este é o ideal nobre de recompensa, o que deve ser conquistado e oferecido deve sê-lo em vida. Concebida de tal modo, a vida é plena, cheia, autêntica, por ela ser tudo o que pode ser. Viver e ser livre, para o homem nobre, é poder escutar e cumprir o que escuta, para isso, é preciso estar no poder da escuta. Com a identificação desse tipo de moral, Nietzsche anuncia que o homem precisa recuperar sua humanidade e critica o humanismo de sua época repleto de metafísica e teologia: “O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ – eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’ (NIETZSCHE, 2009, p. 17).

Quem está sob o jugo da nobreza no embate das morais é o que chamamos de escravo, modo de viver caracterizado pela negação sistemática da vida em um prolongar-se da vivência que visa, apenas, à sua subsistência. As ovelhas, obedientes a moral escrava, nutrem uma raiva das aves de rapina que, em sua contraposição, nos céus, amam as ovelhinhas por sua carne agradável ao paladar. Os escravos são frágeis, covardes e subservientes e, por esse motivo, são subjugados pelos nobres.

Podemos afirmar que o bom nas diversas línguas afigura-se como nobre. E o ruim, da mesma maneira, afigura-se como simples, comum e débil. Bem e mal são modos de valorar próprios da moral judaico-cristã. Bom e ruim, modos de valorar próprios da moral nobre. O homem bom é aquele que luta e que não teme colocar sua própria existência em risco. O homem ruim é aquele ser covarde que não arrisca a sua existência e é marcado por uma simplicidade característica. Segundo a moral nobre, mais vale viver plenamente por pouco tempo do que prolongar uma escravidão.

O nobre atribui o sentido de “bom” a partir dele mesmo. O nobre, o guerreiro, o veraz, o bom contrapõe-se ao ruim, ao que não traz coragem e à fraqueza. Já o bom, na perspectiva da moral escrava, é uma maneira de negar aquilo que é próprio do homem nobre, tudo que remete à ação, ao vigor, à plenitude e à exuberância do guerreiro. Aí está a transvaloração dos valores nobres, o bom da moral escrava é a negação do bom proveniente da moral nobre. A vida voltando-se contra ela mesma faz prevalecer a moral escrava sobre a moral nobre. A besta admirada entre os nobres foi domesticada nos séculos vindouros. O homem tornou-se civilizado e isto não significa dizer que ele ficou melhor, podemos afirmar que ele tornou-se mais refinado. O escravo, a partir deste momento, chama sua fraqueza de bondade. Cabem aos homens modernos as renúncias do mundo tido como ordinário. Está instalada a contraposição entre o homem nobre, guerreiro pronto para lançar-se de peito aberto contra a morte, e o homem moderno, buscador de comodidade e segurança.

Para esta transvaloração, entra em cena o maior inimigo da vida: o sacerdote. Ele introduz o ressentimento no próprio homem que, por sua vez, direciona-o contra si mesmo. Desse modo, a alma humana ganha maior profundidade no seu ressentir-se, diferente da moral escrava ávida por direcionar seu ressentimento ao homem nobre. O sacerdote representa, por excelência, a debilidade da vida. O modo de valorar judaico subjugava o modo romano. A proposta sacerdotal de domesticar o homem prevalece. O homem por ter horror ao vácuo, medo de não poder querer, deseja aniquilar a vida e dispõe-se em querer o nada.

A psicologia do Cristianismo, que fortalece o sacerdote, é constituída de um espírito de ressentimento contra a vida que é, em última instância, vontade de poder. A determinação cristã de abater a vontade de poder é eternamente frustrada, porém a criação de uma moral doentia e mitológica que enfraquecem a humanidade cumpre seu intuito de reduzir a criatividade, confiança e independência dos homens. A própria natureza humana é impulsionada pela vontade de poder mesmo que o cristão ressentido não o queira. Embora esta forma de vida cristã ponha-se contra sua própria fonte de movimento, ela não deixa de ser fundamentada pela vontade de poder que, em sua constituição, não é um substrato. O ressentimento cristão deseja rebaixar todos os homens à condição de escravos. O empobrecimento do homem agrava-se à medida que a sua domesticação torna-o um animal desinteressante.

A conversão da impotência e da covardia em virtude, em duas características para se orgulhar, é uma das marcas do prevalecimento do Cristianismo enquanto moral dos fracos. O ressentimento do frágil que não pode reagir, mas se passa por pacífico, o que não tem coragem de se impor e finge ser humilde são visíveis nos afetos de ódio e vingança que se tornam claros no regozijo de Tomás de Aquino e de Tertuliano⁶. Os santos se satisfazem ao ver o sofrimento dos pagãos no Apocalipse pois

Julgar e condenar moralmente é a vingança preferida das almas limitadas sobre aquelas que são menos que elas, uma espécie de indenização por tudo aquilo que obtiveram de menos da natureza, eis uma ocasião para mostrar espírito e tornar-se refinado — a malícia espiritualiza o homem (NIETZSCHE, 2001, p. 142).

O homem deixa de ser o animal que se teme e, por seu desígnio, o sacerdote torna o homem um animal sem atrativos, uma espécie que não provoca admiração. A função do Cristianismo como espírito de vingança contra a vida, nas suas posições primeiras e fundamentais, é fazer o homem deixar de ser o animal que se teme e torná-lo um animal em que não tem o que se admirar. A psicologia do Cristianismo se dá na análise de um espírito de ressentimento contra a vida, o empobrecimento da força e domesticação do homem. Com o advento do Cristianismo, o homem torna-se um animal domesticado desprovido do vigor de outros tempos.

Nas culturas ditas civilizadas, o sacerdote envenena o homem com uma dose excessiva de um “antídoto”. O sacerdote, a mais alta estirpe entre os ascetas, carrega o *pathos* da distância que pode conferir habilidade ou fazer adoecer o artista e o filósofo. Podemos classificar esse antídoto-veneno, essa salvação-perdição, como uma faca de dois gumes. Por um lado, o homem ganha em profundidade ao se tornar um ser civilizado, mas, por outro lado, ele perde sua relação privilegiada com a vontade de poder, distancia-se da bestialidade que dá ânimo à vida. Para ver é preciso distância, distanciamento da vida em sua constituição mais básica, para a contemplação e análise do aparecer. Porém, o distanciamento excessivo pode favorecer a criação de um mundo imaginário de perfeição e formas ideais, um mundo de idealidades que nega o próprio mundo das coisas corpóreas.

O ascetismo torna-se maléfico ao exaltar o nada, aquilo que nega a vida nas suas condições primeiras e fundamentais, e alimenta o ressentimento ao fortalecer a crença de que o homem é bom demais para esta vida e este mundo. O ideal ascético apresenta-se como um remédio que combate a dor e o tédio, combate até mesmo à dor-homem que é a mais profunda das dores. O tédio, nessas condições, resulta da eterna repetição daquilo que o homem não consegue alcançar, aquilo que o próprio homem colocou como inatingível. E a dor é condição para o fortalecimento e florescimento de uma existência autêntica. O homem rebelado contra a vida que é, por princípio, esforço para ser, pretende findar a dor por ela mesma, pelo culto e veneração da própria dor. Os fisiologicamente desgraçados precisam do ideal ascético para remediar sua dor e seu tédio. Como dissemos, ele cura e envenena ao mesmo tempo em que dá sentido à vida⁷.

A psicologia do sacerdote e a sua relação de poder com os fisiologicamente debilitados se dão pelo talento sacerdotal em lidar com vidas que se encontram em exaustão. A compaixão, valor sumamente cristão, consiste no ato de retirar o dever, o fardo, do outro para si mesmo. Ora, retirar o encargo do outro é privar o outro do seu destinar-se; este é o papel do Cristianismo para com os fisiologicamente debilitados. O ideal ascético do santo se destaca por seu repouso no nada. O nada aqui cria forma na ausência de vontade que faz carecer um objetivo para a vida. Posto que a natureza humana tem a vontade como fundamento da vida, o seu horror ao vácuo é tamanho que, mesmo na negação da vida, não é possível anular o querer e suprimir a vontade que lhe dá vida. Por esse motivo, o santo prefere querer o nada a nada querer. Querer o nada não é ausência de vontade; este querer é a vontade de poder ascética por excelência, vontade de negar a própria vida mesmo no interesse da vida. É querer não viver vivendo, já que só o vivo pode querer uma não vida.

Segundo a imagética nietzschiana, Roma representa o ideal nobre e a Judeia o ideal escravo. O sacerdote é nobre entre os escravos, o representante da seriedade, aquele que governa na Judeia e se eleva por não perceber que a vida é fundo sem fundo. Na sua busca pelo nada, ele

procura dominar o poder instaurando seu enfraquecimento. Dificilmente, o sacerdote consegue defender os seus ideais provenientes do nada. No entanto, como condição de manutenção da vida, o ideal ascético torna-se necessário. Uma ponte para outra existência que nega a vida, o dever ser, o contrário da finitude, da morte, da “limitação” da vida. A vida malograda, decadente, necessita do ideal ascético. Como o asceta entende a vida como um erro, como o mal, muitos estão prontos para ouvi-lo neste espírito de vingança da vida contra a própria vida. Criaturas arrogantes, descontentes, tomadas pela dor e pelo desejo de corrigir a vida, fazem da terra um astro ascético e decadente. A vontade que deseja anular a própria vontade, o movimento da vida contra a vida é uma forma de antagonismo aparentemente paradoxal que preserva a vida. Lutar contra o niilismo é se livrar da concepção de que a vida não é nada, mas deveria ser alguma coisa. O ideal ascético surge do cansaço do próprio homem, do nojo pela condição de ser humano, das mentes que esquecem que, mesmo nesta vida que se degenera, ainda somos constituídos pela vontade de poder.

Uma substituição de valores da vida por uma situação ideal inexistente é desenvolvida pelo sacerdote. A cura pelo ideal ascético mantém a vida cansada da vida. A humanidade, para Nietzsche, encontra-se doente dela mesma por se poupar do esforço indispensável para ser. A intensidade do desejo de estar em outro lugar, de estar em uma não vida, é o que mantém vivo o homem que almeja este ideal inalcançável. Eis aí, novamente, a vida que se volta contra a vida para preservá-la. Uma astúcia que mantém a pulsão da vontade de poder na negação da vida em sua plenitude.

Reconhecida essa vida humana, em sua originalidade, que se dá fora das dimensões meramente biológicas, o homem pode se identificar como o único animal que não está determinado, ou pronto. Enquanto os animais não precisam se esforçar para ser, o animal humano se esforça para sê-lo e expõe-se ao risco de responder por seus erros. Mandar, entre os homens, é mais difícil que obedecer. Aquele que acata ordens se livra do fardo de ordenar-se, do compromisso de dar curso a sua própria vida, sob o risco de cair em niilismo, dor da própria dor, desgosto da própria vida. O niilismo surge a partir do homem enfraquecido e cansado do próprio homem. Entretanto, o homem como vontade de poder está em eterna reconstrução por ser esta vontade, por ser a partir desse instinto criador que precede qualquer valoração.

3 O ARTISTA DIANTE DA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

A arte apresenta para o homem a falta de necessidade da sua existência, o vazio, não como um motivo para se desesperar, mas como possibilidade de criação. A perspectiva artística da vida permite que o homem perceba sua existência como algo que deve ser constantemente criado, posto que o homem é sendo. A defrontação com a fonte de origem da mo-

ral, com o berço de onde provém toda a sua genealogia, provoca o homem que percebe os valores como artifícios de uma época, de um povo e de uma cultura. Este homem espantado com a descoberta pode se perguntar: O que me impede de criar uma gama de outros valores?

O legislador em sentido originário, o filósofo do alvorecer, surge da tomada de uma perspectiva artística do mundo que não se delimita ao exercício de uma profissão, visto que “artista não designa aqui somente o poeta, o pintor, o músico, o escultor, etc. Artista é o que está tomado pelo poder da arte, e arte não designa somente as belas-artes” (CORDEIRO, 2010, p. 16). O homem saciado de suas demandas biológicas e sociais, alimentado e afeito à presença de si mesmo, pode desfrutar da solidão indispensável para a “escuta” que precede a perspectiva artística da vida. A “escuta” é um momento indispensável para a destinação. Só através dela, no momento certo, o homem pode compreender a decisão como processo de separação, um corte que demarca o abandono compulsório de tudo que já foi feito para o lançar-se no que precisa ser conquistado. Segundo Nietzsche, existir é encontrar-se lançado na dinâmica do vir a ser. Nesse sentido, aprender a viver é aprender qual é a hora certa de se despedir, inclusive, dos valores já arraigados em nossa cultura.

O filósofo, como aquele que inaugura um novo modo de ver o real, é um artista da forma originária. Já que verdade e conhecimento são perspectivas, o filósofo e o artista contribuem para o enriquecimento da multiplicidade de perspectivas fomentada pela vontade de verdade, o exercício intelectual fundamentado pela vontade de poder. Se conhecer deriva da palavra grega *coné*, nascer, é revelado o caráter de intimidade que deve haver no modo com que o conhecimento se apresenta para nós. Conhecer, no perspectivismo de Nietzsche, significa nascer com o que é conhecido, conforme o que é dito no parágrafo 207, de *Além do bem e do mal* (1886). Nesta concepção, resta ao homem nobre arriscar erigir e conhecer uma moral que nasce consigo mesmo. No seu estado radical,

20

Toda moral é em oposição ao *laissez aller*, uma espécie de tirania contra a “natureza” e também contra a “razão”, mas isto ainda não pode servir de objeção contra ela, se não fosse preciso inventar uma outra moral que decretasse que toda tirania e irracionalidade são ilícitas (NIETZSCHE, 2001, p. 100).

Deixar as coisas serem como são, isentas de qualquer dever, não é um meio para a aceitação de uma perspectiva humana que é, naturalmente, julgadora. O espírito livre prefere alegrar-se com o embate dos nobres e escravos, pois, ele, ao obter explicações para esse fluxo de valores morais, pode viver criativamente, na elaboração de sua própria moralidade, na execução de seus próprios empreendimentos. Transcender os valores comuns é um dos primeiros passos para uma vida que permite a indiferença às convenções e às interdições da sociedade. Eis, talvez, a valoração do porvir, pois

Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que *dele forçosamente nasceria*, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem que vir um dia* [...] (NIETZSCHE, 2009, p. 78-79).

Há um horizonte de possibilidades que surge a partir do fim dessa explanação dos valores morais elaborados ao longo da história da humanidade. Se a vida é esse movimento de eterna retomada dela mesma nas mais diversas valorações. Dentre muitas perspectivas, poderemos encontrar, um dia, um modo de viver suficientemente ousado que permita que os homens criem sua própria moral e paguem o preço por uma existência norteada pelos seus próprios valores, tendo em vista que

o empreendimento de realizar novamente a análise crítica e genealógica da moral pode vir a criar o homem que questiona a verdade que, segundo as religiões tradicionais, deveriam estar por trás destes valores morais. Surge, a partir deste desengano, “o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência *do que* foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização (NIETZSCHE, 2009, p. 45).

Como podemos notar, essa passagem nietzschiana menciona o homem do porvir, indivíduo que se aproxima da condição originária de artista. Os caminhos que poderão nos levar até esse estágio são, em sua maioria, desconhecidos, repletos de armadilhas e barbáries improficuas. Todo esse trajeto sinuoso nos faz perguntar: o que esperar do futuro da história da moral? Surgirão tempos em que o homem poderá, integralmente, elaborar seus próprios valores morais? Esse supremo artesão de valores ainda poderá ser considerado um homem ou estará para além dessa condição? Essa série de questões expressa nossos limites quanto ao que está por surgir e nos impõe o silêncio fecundo que precede a atividade artística.

NOTAS

¹ O próprio Ser é o que não cessa de vir a ser, de se mostrar. Disto parte sua relação íntima com o devir.

² Menção indireta ao animal temível, a *besta louca*, que, inicialmente, no parágrafo onze da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*. Uma forma de se referir à nobreza “bárbara” dos homens que antecederam a civilização e ditaram sua lei entre os mais diversos povos antigos.

³ A importância da escuta é um tema desenvolvido em *A hora mais quieta*, na obra *Assim Falou Zaratustra*, p. 138. A parábola trata de uma voz que surge no recolhimento de Zaratustra para alertá-lo de seu poder, na hora mais silenciosa.

⁴ Canto XVIII da *Iliada*.

⁵ Fisiologicamente, *physis*, em Nietzsche, é irrupção, brotação da vontade de poder.

⁶ As citações dos santos podem ser lidas no décimo quinto parágrafo da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*.

⁷ O sentido da vida, assim como é descrito na tradição cristã, surge a partir da fé que, em tese, não pode advir da verificação do milagre, pois a fé é justamente a capacidade de acreditar no contraditório, no irracional. A própria fé pressupõe a crença e submissão aos ensinamentos de um sacerdote ou messias.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Claudemir. *Nietzsche como crítico da moral*. Dissertação, Pelotas, RS, [27-28], p.31-51, Inverno/Verão de 2008.

CILENTO, Ângela. A metafísica do artista enquanto concepção estética do mundo. *Revista Primus Vitam*, São Paulo, n. 4, segundo semestre de 2011.

CORDEIRO, Robson. *Nietzsche e a vontade de poder como arte: uma leitura a partir de Heidegger*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba, PR: Hemus livraria, distribuidora e editora, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.